OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
ISSN: 2976–0402
Número avulso (26)
17 de Janeiro de 2026
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira

APONTAMENTO CAMONIANO SOBRE OS PELICANOS DE 1572

PAULO MARTINS OLIVEIRA

Resumo: Onde se inverte a orientação esquerda/direita dos pelicanos dos *Lusíadas*, e se explica a razão.
Palavras-chave: Luís de Camões, *Os Lusíadas*, D. Sebastião, Filipe II/I Habsburgo, iconografia cristã.
Disponibilidade *online:* academia.edu archive.org blogspot.com

Tese

A primeira edição dos *Lusíadas* foi lançada em 1572, sensivelmente na mesma altura em que Cristóvão de Morais pintou o seu famoso retrato de D. Sebastião.

Contudo, datada desse mesmo ano existe uma outra edição do Poema, sendo que a diferença mais óbvia entre ambas reside na orientação de uma ave figurada ao topo dos respectivos frontispícios – um pelicano dito virado à esquerda, e outro dito virado à direita.

A dúvida sobre qual é efectivamente a edição original (*princeps*) manteve-se até muito recentemente, quando Rita Marnoto, num estudo detalhado e abrangente, demonstrou que a versão primogénita é a do pelicano dito virado à esquerda. Já a outra consistiria numa contrafacção, pois nem sequer poderia ser de 1572, mas de uma data posterior[1].

Antítese

Embora subscrevendo-se aqui as conclusões, será necessário reequacionar o tema sob o prisma da História da Arte, uma vez que o pelicano dito virado à esquerda está na verdade orientado à dextra, enquanto o pelicano dito voltado à direita encontra-se antes orientado à sinistra.

1 Cf. https://ciep-ge.ch/editions-critiques | https://visao.pt/jornaldeletras/letras/2021-12-29-qual-e-a-edicao-princeps-de-os-lusiadas/

Ou seja, na gravura, na pintura, na heráldica e noutras expressões similares, a perspectiva directriz é por regra a da própria imagem, não a do observador.

Por exemplo: nas representações da Crucificação, a cabeça de Jesus inclina-se para a sua direita; em Sta. Cruz de Coimbra, o túmulo do fundador D. Afonso Henriques encontra-se à dextra do altar, e não à sua esquerda; no túmulo de Inês de Castro, os condenados no Juízo Final são tragados por um monstro "sinistro", enquanto os salvos se encaminham para a direita; etc.

Existem até casos onde pintores (e.g. Jan van Eyck) inscreveram os seus nomes nos quadros, acrescentando logo de seguida "me fecit" (me fez), assim conferindo personalidade própria à obra e fazendo-a "falar" ao observador, informando-o acerca da paternidade da pintura.

As imagens têm pois vida própria e possuem os seus lados positivos/dextros e negativos/sinistros, com natural valor alegórico (≈ Mt.25:32-41).

Trata-se de um aspecto crucial para se descortinar o objectivo da segunda versão (sinistra) dos *Lusíadas*, e para tal há que atender ao simbolismo do pelicano.

Síntese

Essa é uma ave tradicionalmente associada ao especial cuidado para com as suas crias, as quais alimenta se necessário com o próprio sangue, tendo por isso uma natural conotação cristológica (e.g. Dante, *Paraíso*: 25:v.112-114). Neste contexto o pelicano é relacionado ao Bom Pastor (Jo.10:7-18), alegorizando por sua vez o bom (e legítimo) governante, i.e. aquele que zela paternalmente pelos súbditos, constituindo um exemplo de virtude.

Em 1572, Luís de Camões procurava incentivar D. Sebastião a contrariar o sentimento geral de decadência e vil tristeza deixado pelo antecessor D. João III – o verdadeiro fraco rei que enfraquecera as fortes gentes lusas.

Assim, toda a estrutura dos *Lusíadas* visa apelar ao novo soberano para que tomasse conta do ninho, e para tal o pelicano *princeps*-dextro assume um manifesto valor simbólico, nomeadamente enquanto sinónimo do bom, legítimo e fiel governante.

Por seu turno, impresso posteriormente, o pelicano "sinistro" tem muito provavelmente um subversivo intuito anti-Filipino, fazendo associar o monarca Habsburgo ao anti-Cristo (simbolismo do pelicano invertido)[2].

Isso explica ainda uma outra alteração também elencada por Rita Marnoto, nomeadamente (e ostensivamente) logo num dos primeiro versos da obra, onde se refere a edificação de um Novo Reino entre "gente remota".

2 Existe nos *Lusíadas* um terceiro pelicano, nomeadamente uma hábil construção literária-alegórica do Poeta com outro objectivo, a tratar em lugar próprio.

Através de uma outra camada de significado, poder-se-á aqui subentender um apelo codificado a que se recupere e reformule a efectiva legitimidade lusa do trono, devendo-se todavia operar cautelosamente por entre a "gente remota" que viera superintender a vida nacional[3].

Concluindo, ao transformar-se *Os Lusíadas* num instrumento de resistência, pretendia-se que se mantivesse vivo o espírito inscrito em estâncias como a VIII:28

> Atenta num que a fama tanto estende
> Que de nenhum passado se contenta,
> Que a pátria, que de um fraco fio pende,
> Sobre seus duros ombros a sustenta.
> Não no vês, tinto de ira, que reprende
> A vil desconfiança, inerte e lenta,
> Do povo, e faz que tome o doce freio
> De Rei seu natural, e não de alheio?

3 No mesmo sentido e também contra os Habsburgos, vejam-se os dispositivos alegóricos que Bruegel codificara nos seus quadros, apelando a uma resistència decidida mas inteligente; cf. *The political consciousness of Pieter Bruegel*, 2014 [academia.edu], coligido em *Northern Art. Studies 2012-2016*, pp.117-120 [archive.org].